www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

GT 28. Das coleções aos sujeitos, dos sujeitos às coleções: nova luz sobre os acervos etnográficos musealizados

Coordenador(es):
Adriana Russi Tavares de Mello (UFF - Universidade Federal Fluminense)
Lúcia Hussak Van Velthem (Museu Paraense Emilio Goeldi)

Sessão 1
Debatedor/a: Marília Xavier Cury (MAE-USP)

Sessão 2
Debatedor/a: Lia Fernandes Peixinho (UNIRIO)

Desde o final da década de 1990 os processos museológicos relacionados às coleções etnográficas vem sendo alvo de críticas, reflexões e significativas mudanças. Nesse sentido, a antropologia e a museologia reviram seus pressupostos epistemológicos o que provocou entre outros a constituição de uma nova ética na relação com os chamados “informantes” ou “povos representados” nas coleções. Paralelamente, em diferentes localidades os povos tradicionais, os povos indígenas e outros povos tem se organizado para pressionar governos, pesquisadores e a sociedade em geral na garantia de seus direitos, o que por sua vez em muitos casos desaguou na formulação de políticas próprias que lhes asseguram tais direitos. Direito ao território, às memórias, às tradições, à língua, à educação diferenciada e ao patrimônio são apenas alguns destes direitos. Implicadas com tais mudanças, diversas instituições e iniciativas lançam uma nova luz sobre as coleções etnográficas, iluminando práticas que são construídas por um fazer colaborativo com povos indígenas, populações tradicionais e outros grupos sociais na busca de novos sentidos para além das próprias coleções. Assim, este GT pretende acolher relatos de experiências e reflexões, conduzidas em espaços museais ou fora deles por diferentes atores, que versam sobre o duplo caminho que articula coleções e sujeitos, sujeitos e coleções.

O impacto da representação do sincretismo afro-brasileiro na Sala Fé do Museu Théo Brandão

Autoria: Andresa Monteiro Moreira (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

Localizado em Maceió (Al), o Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, que pertence a Universidade Federal de Alagoas, foi criado em 1975 para abrigar o acervo de peças da cultura popular do médico e folclorista alagoano Théo Brandão. Em sua atual exposição permanente há sete salas, entre elas a Sala Fé que é dividida em dois módulos. Um deles aborda o catolicismo popular, e o outro, o sincretismo afro-brasileiro. A caracterização deste último evoca referenciais da cultura afro, a exemplo de uma estrutura que lembra um peji ? altar das divindades, geralmente encontrados em casas de cultos afro-brasileiros ? como também a cor vermelha de suas paredes em alusão a Xangô. Esse módulo tem um papel importante na dinâmica de visitação do Museu, pois ao chegarem a essa parte da sala muitos visitantes não adentram a esse espaço e até desistem de visitar o Museu, em contrapartida outros visitantes deixam oferendas, batem cabeça para o seu santo e conversam com as entidades da sala. Diante dos efeitos da sala na dinâmica de visitação do museu, este work pretende apresentar uma pesquisa etnográfica em andamento que aborda a interação dos visitantes com esse módulo da sala e também como os mediadores da instituição lidam com esses diferentes comportamentos do público. A pesquisa encontra-se baseada em observação participante, registros no diário de campo e entrevistas semiestruturadas, tendo como ponto de partida minha experiência

 ISBN: 978-65-87289-08-3

de mais de um ano como mediadora do Núcleo de Ação Educativa da instituição. Espera-se que a presente investigação traga reflexões sobre o processo de mediação em museus e contribua nas discussões em torno do sincretismo afro-brasileiro e do racismo religioso.
Trabalho completo

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização: **Apoio:** **Organização:**